

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

SOBRE RESTRIÇÕES DE MUDANÇA LINGUÍSTICA NA ESCRITA

Maria Cecilia Mollica

UFRJ/IBICT/CNPq/FAPERJ

ceciliamollica@terra.com.br

Área temática: *Cambio lingüístico*

Resumo

O estudo a ser apresentado focaliza a incorporação na escrita de fenômenos de mudança na língua falada que, no entanto, encontra restrições para entrar na escrita. Na pesquisa, eu me concentro na emergência e no espraiamento da construção **muitas das vezes** em alternância com **muitas vezes**, que encontra semelhança com o fenômeno do dequeísmo. Partindo do pressuposto de que o acréscimo da preposição é resultado de um processo de cruzamento sintático, procuro demonstrar que a forma **muitas das vezes**, percebida e avaliada negativamente pelos usuários do português, constitui uma inovação pouco propícia a ser incorporada na escrita por razões que já encontrei em outras investigações acerca de outras variáveis. Comprovo que a variante inovadora só tem início no português a partir do século XX e é empregada no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE). Utilizo várias amostras para atestar, através de uma ampla análise de dados da fala e da escrita, que a baixa produtividade da construção em foco na fala e sua quase total ausência na escrita se deve ao princípio de marcação que exerce pressão de retração ao avanço da variante inovadora, seja em decorrência da função sócio-simbólica estigmatizante da construção, seja em devido ao fato de que a variante **muitas vezes** ser mais fácil de processar, mais econômica e menos marcada. Assim, a taxa baixa de emprego de **muitas das vezes pode** ser explicada, de um lado, pela aquisição de uma nuance de significado em **muitas das vezes** que se investe de uma função partitiva ausente em **muitas vezes**, de outro, por constituir uma forma marcada que compete com uma outra de uso mais amplo e irrestrito, o que dificulta sua entrada efetiva para a modalidade escrita no Português. A pesquisa ainda pode lançar luzes para a emergência de outras estruturas inovadoras como **algumas das vezes**, **tanta das vezes** e, quem sabe, construções assemelhadas do Espanhol.

Palavras chave: mudança lingüística - variação – marcação - função estigmatizante

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Questões e objetivos

Os estudos sociolinguísticos voltados para a variação e mudança linguística avançaram muito desde o lançamento do emblemático texto de Labov, Herzog (2006[1968]) em que os conceitos fundantes da Teoria da Variação foram lançados. Voltando-se predominantemente para a modalidade oral das línguas naturais, diversos fenômenos variáveis têm sido estudados em muitas línguas do mundo e princípios gerais vêm sendo postulados sobre mudança, provenientes de tendências sistemáticas do efeito de fatores internos à língua, assim como em função dos externos, contextuais, cognitivos (Labov, 2010), alguns deles com importância reforçada a partir de estudos comparativos entre amostras de uma mesma língua, entre amostras de línguas diferentes. Alguns poucos investimentos de estudos sobre variação e mudança são encontrados em língua de sinais, de modo que a enorme massa crítica de que dispomos quanto a resultados na área estão voltados para a investigação da variação e da mudança na fala. Dar continuidade a orientação semelhante de pesquisa constitui ponto permanente na agenda da área.

Uma pergunta também relevante prende-se ao interesse de se verificar até que ponto o acervo reunido de descobertas encontra paralelo na escrita. Dado que as línguas dos surdos não possuem escrita própria, as questões lançadas voltam-se sempre para a relação fala/escrita. Há muitas motivações para tal empreendimento e a principal delas provém do fato de que os sistemas de escrita são línguas artificiais, tal como a linguagem matemática, as linguagens documentárias, as ferramentas de buscas, atualmente na ordem do dia em função dos avanços das tecnologias. Sendo as línguas naturais de caráter não normativo contrariamente aos registros escritos necessariamente convencionados e normativos, há forte motivação para o rastreamento da variação e da mudança na língua escrita com vistas à verificação:

- (a) do tipo de variável que vai para a escrita;
- (b) dos vetores que estimulam a ocorrência de inovações na escrita;
- (c) das restrições para que as inovações não ocorram na escrita;
- (d) dos gêneros e tipos textuais que melhor acolhem a variação e a mudança;

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

(e) da possível postulação de princípios gerais de uma Teoria da Mudança na escrita.

Este texto retoma minha preocupação em responder tais perguntas focalizando o comportamento da variável dependente que compreende a alternância entre as variantes *muitas vezes* e *muitas das vezes* com base nos resultados do estudo de Mollica (no prelo). Retomo a discussão da mudança na escrita à luz de outro fenômeno sintático, uma vez que esse nível da gramática é menos "abalado" por inovações na escrita sobre cuja discussão se torna o tema em tela deste texto ainda mais desafiador.

Assim, focalizo as restrições até então evidenciadas que as inovações sofrem no processo de incorporação na escrita de fenômenos de variação e de mudança na língua falada. Na pesquisa mais ampla em referência, me concentrei na emergência e no espraiamento da construção *muitas das vezes* em alternância com *muitas vezes*, que encontra semelhança com o fenômeno do *dequeísmo*, analisado sob perspectiva semelhante em Mollica (2010).

Focalizei exemplos como os que se seguem da expressão *muitas das vezes* em variação com *muitas vezes*¹.

- (1) "Além disso, existia na época a crença de que o castigo por um crime tinha lugar inevitavelmente aqui no reino dos vivos e **muitas das vezes** se transmitia através das gerações seguintes, transformando-se numa espécie de maldição familiar, uma herança funesta."
- (2) "Então, o incentivo é dos dois lados: da parte da cúpula de coordenação da pesquisa no País, mandando o pesquisador executar; do outro, **muitas das vezes**, está o pesquisador gritando que ele precisa resolver um problema que é iminente!"

Na pesquisa, lancei três hipóteses possíveis para explicar a emergência da variante inovadora *muitas das vezes*, uma das quais se baseia na compreensão clássica, da tradição gramatical, de que existem estruturas provenientes de *cruzamento sintático* ou *contaminação sintática*. Bechara (2009:596) oferece exemplos

¹ Acessível em www.corpusdoportugues.org

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

de cruzamento sintático que nos conduz a pensar que o argumento de cruzamento sintático é suficiente para entender construções como *caminhar por entre mares* (fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*) e *fazer de conta* (fusão de *fazer conta*, no sentido de 'imaginar', 'supor', com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*). Cunha e Cintra (1985) também sustentam que a expressão *esqueceu-me de tudo* teria sido gerada do cruzamento sintático das construções *esqueci-me de tudo* e *esqueceu-me tudo*.

Outra hipótese que lanço no texto intitulado *Primeiras notas sobre muitas das vezes* (Mollica, no prelo) para explicar a emergência da variante inovadora *muitas das vezes* refere-se à possível motivação de seu uso por hipercorreção (MATTOSO CAMARA, 1972). Labov (1972) demonstrou como a mudança pode ser impulsionada por usos de falantes inseguros linguisticamente que, na crença de utilizar variantes prestigiadas acabam por motivar a emergência de construções novas que não são absolutamente ajustadas ao padrão. Evidências dessa natureza emergem com muita frequência em situações em que não há domínio da norma standard. Segundo a pesquisa sobre a inovação *muitas das vezes*, há indícios de que a escolaridade é relevante, ao menos na amostra do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua². Os falantes menos escolarizados são os "melhores candidatos" a operar hipercorreções, dado que, sem base sólida no processo de letramento, fazem uso de tais construções (MOLLICA, no prelo).

Uma terceira hipótese postulada na pesquisa em referência alude à explicação de construções novas como *muitas das vezes* em decorrência do valor partitivo que a preposição pode imprimir em certos contextos em relação à sua ausência em *muitas vezes*. Sob esta ótica, a variante inovadora *muitas das vezes* não teria equivalência semântica perfeita com *muitas vezes* e o quadro teórico do variacionismo clássico não se apresenta propriamente como o mais adequado, havendo necessidade de se lançar mão de arcabouço teórico de base funcionalista. Na pesquisa inicial, postulei então a possibilidade de as variantes possuírem valor funcional próprio, o que corresponde à comparação de que a relação forma/função não é biunívoca nesse caso. Entendo que

² Acessível em www.lettras.ufrj.br/peul

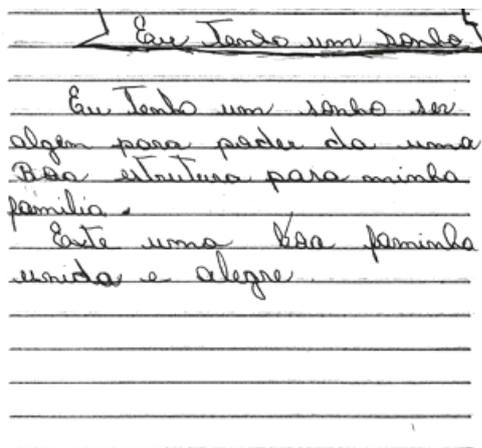
Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

muitos trabalhos nesta orientação merecem devido aprofundamento e tratamento teórico mais avançado na linha sociofuncionalista.

O que vai para a escrita

Vestígios de variação fonológica da fala na escrita são muito comuns, especialmente em produções textuais de aprendizes de escrita em fase inicial e em todo o processo de lecto-escrita tanto em crianças quanto em jovens e adultos. Em diversos trabalhos (Mollica, 2000; 2003), tenho identificado e explicado as ocorrências previsíveis que, em geral, são resolvidas ao longo do processo de letramento. Vejam-se casos na redação a seguir.

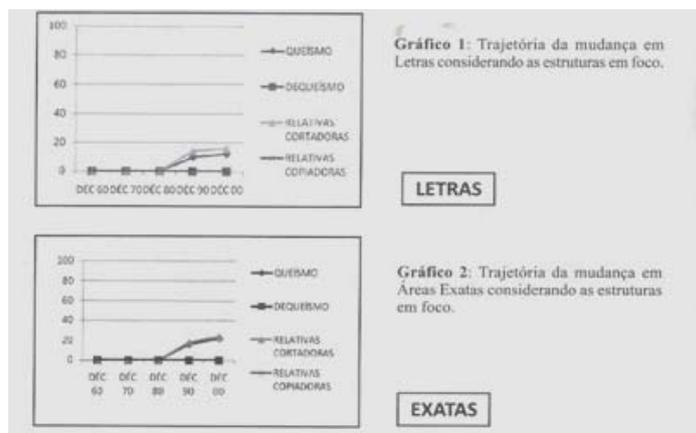


Nessa redação, encontram-se erros em decorrência de desconhecimento do código do nosso sistema alfabético 'alguem' por 'alguém', 'faminha' por 'família', e os decorrentes da migração da fala para a escrita, como em 'poder da', ao invés de 'poder dar'. Note que, em 'da', a vibrante pós-vocálica da forma infinitiva do verbo não está representada pela letra (grafema) *r*. Vale observar que o cancelamento desse segmento fonológico no Português Brasileiro (PB) chega ao patamar de mais de 90% de acordo com os inúmeros estudos já realizados em diferentes regiões do Brasil.

No nível morfossintático, a migração para a escrita não se processa tão facilmente. Observem-se os gráficos I e II extraídos de Mollica (2010).

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica



Nota-se o percurso das construções queístas, dequeístas, das relativas cortadoras e copiadoras na escrita acadêmica (dissertações e teses das áreas exatas em comparação com Letras/Linguística) desde a década de 60 do século passado até os dias atuais. Gradativamente, as estruturas queístas e cortadoras encontram porta aberta na escrita a partir dos idos de 80. Eu esperava que houvesse marcante diferença entre as áreas pressupondo que as Humanidades tivessem maior preocupação com a manutenção de normas. Contudo, as razões são de outra ordem.

Muitos trabalhos sobre essas construções apontam para algumas tendências constantes que impulsionam maior chance de entrada de variantes inovadoras na escrita. Resultados já consolidados me levam a supor que as construções que inicialmente ingressam na escrita são as que avançam fortemente na língua falada e:

- (a) Têm menor custo de processamento, portanto, são menos complexas;
- (b) Em geral, são inaudíveis até em razão das características descritas em (a);
- (c) São mais bem avaliadas relativamente ao seu par equivalente;
- (d) São menos marcadas em razão de (a), (b) e (c).

Os escores comprovam as tendências de (a) a (d) na medida em que revelam a entrada mais facilitada das estruturas queístas e das relativas cortadoras, o que já havia sido comprovado, para a fala, em Mollica (1977, 1989, 1995, 2003b) e em Tarallo (1985).

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Restrições semelhantes impedem que a variante *muitas das vezes* encontre porta aberta na escrita desde os primórdios do Português. A variante inovadora só aparece no PB e no PE (Português Europeu) a partir do século XX. Antes, porém, *muitas vezes* coexistia no PB e no PE com as variantes *mais das vezes*, *o mais das vezes*, *no mais das vezes*, construções também marcadas de acordo com as propriedades observadas em de (a) a (d). Pode-se observar a coexistência dessas formas nas ocorrências do português medieval³:

- (3) Pero, como mui gram gente há seer,
muitas vezes vos ham a derrobar;
mais sempre vos havedes a cobrar
e eles ham mais a enfraquecer,
pero nom quedarám de vos ferir. (BAVECA, João. Cantiga de escárnio e maldizer. Séc. XIII)
- (4) E certamente **as mais das vezes** os vejo receber na vyda presente seus galardo~o~es, ainda que tardem per os segredos de nosso senhor deos. E a outros vem tam cedo e claro, que a todos devya seer grande e boo enxemplo. (LEAL, Conselheiro. Séc. XV)
- (5) **Muytasvezes** veem sem sanha, e porem nom propriamente, segundo me parece, por partes della devem seer contadas. (idem)

A forma *muitas vezes* sempre esteve na liderança na fala e na escrita em toda a história do Português, fato que se comprova quantitativamente nos gráficos III e IV:

Gráfico I
Taxa de ocorrências das variantes no português falado - Mais das vezes (formas antigas),
Muitas vezes e Muias das vezes



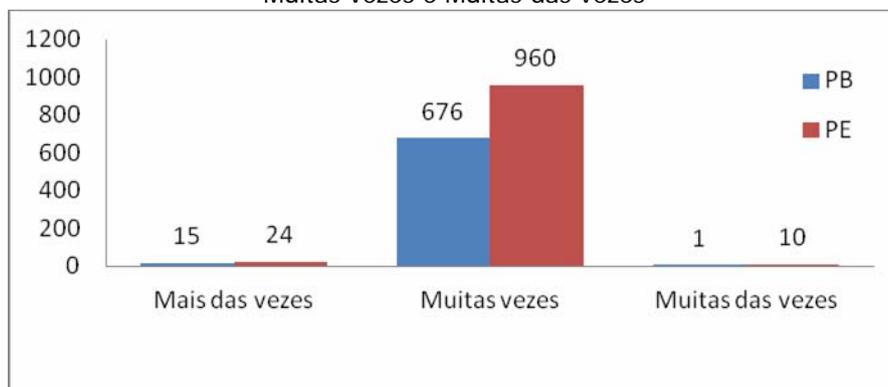
³ Acessível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

Identidades dinâmicas: variação e mudança em el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

É incontestável a prevalência de *muitas vezes* na fala e na escrita (conferir os índices exibidos nos gráficos I e II) com base no levantamento realizado no corpus do português⁴. Na escrita, as evidências são em menor escala, mormente no PB. Suponho que o PE acolhe mais a inovação na escrita em razão de apresentar mais manutenção das formas antigas. Nesse caso, a hipótese da contaminação sintática aplica-se ainda melhor (ver resultados expostos no Gráfico II, comparativamente aos refletidos no Gráfico I) quando a construção *muitas das vezes* teria sido proveniente provavelmente do cruzamento de *o mais das vezes*, *mais das vezes* com *muitas vezes*.

Gráfico II
Taxa de ocorrências das variantes no português escrito - Mais das vezes (formas antigas),
Muitas vezes e Muitas das vezes



Assim, a expressão *muitas das vezes* e outras de igual complexidade obedecem a restrições semelhantes já postuladas em relação ao ingresso de inovações na língua escrita qualquer que seja o gênero textual. Surgida no século XX, há apenas 1 registro encontrado num total de 677 dados considerando-se as ocorrências de *muitas vezes* no PB. No PE, são 10 ocorrências de um somatório de 970 *tokens* das variantes que compõem a variável dependente em foco. Creio, então, que o princípio da marcação (Croft, 1995) constitui vetor importante de retração tanto na fala quanto na escrita para a implementação de inovações. Na modalidade escrita torna-se ainda mais poderoso porque os desvios muito salientes se fazem notar mais facilmente. O falante

⁴ Acessível em www.corpusdoportugues.org

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

foge da ameaça de estigma ao evitar o uso de formas marcadas em desacordo com as normas prestigiadas.

Síntese das principais conclusões

Partindo do pressuposto de que o acréscimo da preposição é resultado de um processo de cruzamento sintático, demonstrei que a forma *muitas das vezes*, percebida e avaliada negativamente pelos usuários do português, constitui uma inovação pouco propícia a ser incorporada na escrita principalmente em função do princípio da marcação, que é fator de retração de mudança na fala devido ao fato de *muitas das vezes* ser negativamente avaliada pelos usuários do português. Comprovei em Mollica (no prelo) que a variante inovadora só tem início no português a partir do século XX e é empregada no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE).

Para tanto, utilizei várias amostras para atestar, através de uma ampla análise de dados da fala e da escrita, que a baixa produtividade da construção em foco na fala e sua quase total ausência na escrita se deve também a questões de processamento, assim como o alto grau de complexidade estrutural e de marcação que exerce pressão de retração ao avanço da variante inovadora. A função sócio-simbólica estigmatizadora da construção e a economia da variante *muitas vezes* por ser justificam seu predomínio incontestável na fala e na escrita. Além disso, a taxa baixa de emprego de *muitas das vezes* pode ser explicada, de um lado, pela aquisição de uma nuance de significado em *muitas das vezes* que se investe de uma função partitiva ausente em *muitas vezes*, de outro, por constituir uma forma marcada que compete com outra estrutura, de uso mais amplo e irrestrito, o que dificulta sua entrada efetiva para a modalidade escrita no Português. A meu ver, a discussão posta neste texto ainda pode lançar luzes para a emergência de outras estruturas inovadoras latentes, tais como **algumas das vezes**, **tantas das vezes** e, quem sabe, construções assemelhadas do Espanhol dando conta de até prever restrições de ingresso na língua escrita.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Referências

Bechara, Evanildo. 2009. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, ed.37:596-97.

Câmara Jr. J. Mattoso. 1972. "Erros de escolares como sintoma de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro" Em: CÂMARA JR., Mattoso J. (ed). *Dispersos*. Rio de Janeiro: F.G.V:31.-35.

Cunha, C.; Lindkley, L. 1985 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Croft, W. 1995. "Autonomy and functionalist linguistics" Em: *Linguistics* 71.3, 1995: 490-532.

Labov, W. 1972. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press.

Mollica, M. C. 2003. "Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo" Em: Paiva, M. C. ; Lamoglia Duarte, M. E. *Mudanças lingüísticas em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003:129 – 138.

_____. 1977. *Estudo da cópia nas construções relativas em Português*. Dissertação de Mestrado. PUC-RIO. Mimeo.

_____. 1995. *De que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Mollica, Maria Cecilia. 2000. *Influência da fala na escrita*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.

_____. 2003. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7LETRAS.

_____. 2008. Aportes para uma Teoria da Mudança na Escrita. VOTRE, S.; Roncarati, C. *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ&7LETRAS: 242-53.

_____. 2010. "Mudança e resistência no contínuo oral/escrito" Em: MOLLICA, M. C. (org). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro: 91- 97.

_____. Primeiras notas sobre *muitas das vezes*. PAIVA, M. C&GOMES, C. -----
----- No prelo.

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Tarallo, Fernando. 1985. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.

Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin. 1968. "Empirical foundations for a theory of language change" Em: Lehman, W.; Malkiel, Y. (Org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno e revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.